



CONECTANDO SABERES

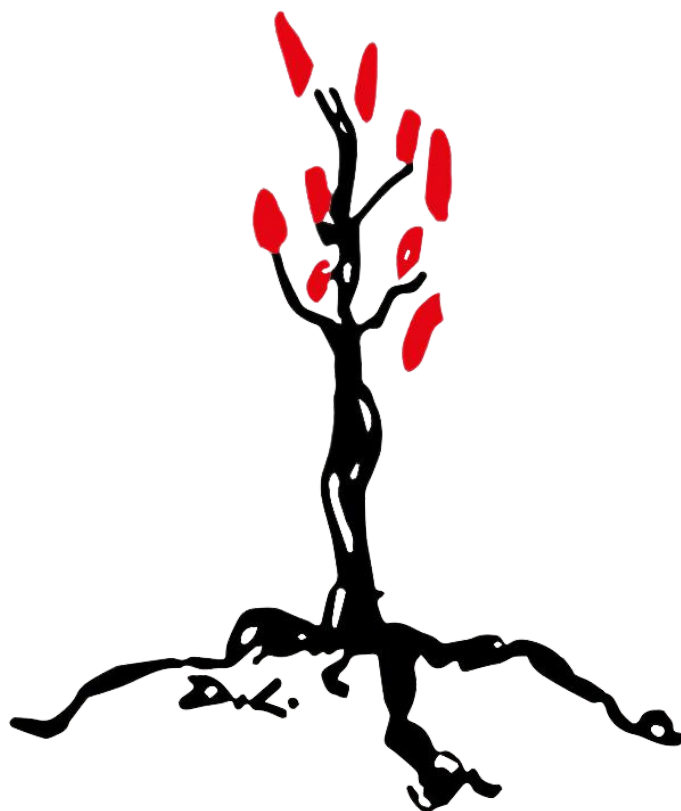
SEMANA DE ARTE MODERNA - CEM ANOS

EDIÇÃO 29 - ANO XI - SET

INTRODUÇÃO

O jornal “Conectando Saberes” existe desde 2011. É um projeto de ensino, que possui também um componente de extensão, pois o mesmo dialoga, através das redes sociais, com a comunidade externa. Todos os anos são lançadas novas edições visando discutir temas importantes para a conjuntura atual dentro da temática da Diversidade e da Tolerância, que são as que embasam a existência do grupo.

A 29ª edição traz como tema o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, relembrando alguns fatos e trazendo questões.



A LITERATURA NA SEMANA DE 22

POR ASSUCENA SALDANHA

O Theatro Municipal de São Paulo, durante o período de 11 à 18 de fevereiro de 1922, ficou aberto para as exposições da semana da arte moderna. Algumas das obras chocaram muitos dos que passavam por ali, especialmente nos dias 13, 15 e 17 em que ocorreram espetáculos que deram muito o que falar pelo seu conteúdo inflamado e suas novidades. Dentre essas novidades estavam as influências das vanguardas europeias, como o futurismo, que esteve presente tanto no ideário da semana quanto na literatura. Um dos autores mais ligados ao futurismo foi Oswald de Andrade, que “conheceu em Paris o futurismo que Marinetti, em 1909, lançara pelas páginas do Figaro no famoso Manifesto-Fundação; e trouxera de lá a maravilha de ver um poeta de versos livres Paul Fort” (BOSI, 2017, p.389).

As obras literárias declamadas durante a semana se posicionavam de maneira crítica tanto em relação aos problemas sociais quanto ao parnasianismo e ao excesso de formalidade na escrita, como demonstram os poemas Pronominais e Ode ao Burguês de Oswald e Os sapos de Manuel Bandeira. Havia a pulsante necessidade de romper com o academicismo e foi exatamente isso que os primeiros autores modernistas fizeram, entre eles Menotti Del Picchia, Oswald e Mário de Andrade.

A noite do dia 15 foi voltada para a literatura e teve o escritor e jornalista Menotti Del Picchia como orador. Coube a ele a difícil missão de apresentar a prosa e a poesia moderna ao público, que retribuía, algumas vezes, com vaias.

Menotti também causou grande alvoroço em seu discurso no qual deixava claro o anseio por uma nova expressão da literatura, livre do parnasianismo que estava voltado para a antiguidade e a apresentava de forma engessada pelas sílabas e estrofes contadas e escritas em uma linguagem extremamente formal.

Queremos luz, ar, ventiladores, aeroplanos, reivindicações obreiras, idealismos, motores, chaminés de fábricas, sangue, velocidade, sonho, na nossa Arte. E que o rufo de um automóvel, nos trilhos de dois versos, espante da poesia o último deus homérico, que ficou anacronicamente, a dormir e a sonhar, na era do jazz-band e do cinema, com a flauta dos pastores da Arcádia e os seios divinos de Helena! 1.
Menotti Del Picchia

As vaias acompanharam também a Oswald de Andrade, que leu alguns trechos de seu livro Os Condenados. Um dos desdobramentos da Semana foi o início do namoro de Oswald com Tarsila² que começou ainda em 1922 e culminou no casamento em 1926. Tal relacionamento o levou a escrever o Manifesto Antropofágico, pouco tempo depois de ter recebido o Abaporu de Tarsila, que deu origem ao Movimento Antropofágico o qual fundaram juntos, e usou simbolicamente da expressão de devorar o outro para manifestar o que seria feito de modo literário, que seria devorar as expressões de literatura do outro e transformar em algo novo.

1 Discurso de Menotti Del Picchia na noite de 15 de fevereiro de 1922. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/reportagens/sam/frases.asp>. Acesso em 23 jul 2022.

2 Biografia de Tarsila. Disponível em: <https://tarsiladoamaral.com.br/biografia/>. Acesso em: 23 jul 2022.

A palavra de ordem seria agora "antropofagia", e a ambição, produzir uma "língua literária", e "não catequizada". Oswald releria o conceito, para mostrar como no Brasil a prática da antropofagia cultural fizera com que adotássemos uma "deglutição" e uma tradução particulares. Ou seja, as influências externas seriam "devoradas e vomitadas", criando-se daí um produto totalmente novo. Estava em curso o retorno de filosofias e culturas ameríndias, mas também africanas (SCHWARCZ, 2015, p.463, grifos da autora).

Mário de Andrade revelou que "não sabe como teve coragem para dizer versos diante de uma vaia tão barulhenta que não escutava, no palco, o que Paulo Prado lhe gritava da primeira fileira das poltronas" (BOSI, 2017, p.396), o que comicamente pode ser compreendido ao ler trechos do poema Ode ao burguês, publicado no livro Paulicéia Desvairada por Mário em 1922.

Eu insulto o burguês! O burguês-níquel, o burguês-burguês! A digestão bem-feita de São Paulo! O homem-curva! o homem-nádegas! O homem que sendo francês, brasileiro, italiano, é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!

Eu insulto as aristocracias cautelosas! Os barões lampiões! os condes Joões! os duques zurros! que vivem dentro de muros sem pulos; e gemem sangues de alguns mil-réis fracos para dizerem que as filhas da senhora falam o francês e tocam os "Printemps" com as unhas!

[...]

Morte à gordura! Morte às adiposidades cerebrais! Morte ao burguês-mensal! ao burguês-cinema! ao burguês-tílburi! Padaria Suissa! Morte viva ao Adriano! "- Ai, filha, que te darei pelos teus anos? – Um colar... – Conto e quinhentos!!! Mas nós morremos de fome!"

Come! Come-te a ti mesmo, oh gelatina pasma!
Oh! purée de batatas morais! Oh! cabelos nas vendas! oh! carecas!
Ódio aos temperamentos regulares!

[...]

Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!
Morte ao burguês de gíolhos, cheirando religião e que não crê em Deus! Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico! Ódio fundamento, sem perdão! Fora! Fu!

Fora o bom burguês!...
(ANDRADE, 1980, p.67-69).

Algumas características do movimento modernista são notáveis nesse poema, como a linguagem mais próxima do cotidiano e longe das formalidades, assim como o engajamento político munido de críticas ao bom burguês. Conclui-se que foram notáveis os versos e feitos impressos durante a semana de 22 e pode-se dizer que os eventos literários que aconteceram e deram continuidade ao modernismo imortalizaram os versos de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Vinicius de Moraes, que perpetuaram o uso de versos livres e a crítica à realidade social na literatura brasileira, tanto que é possível encontrar essas características nas prosas e poesias produzidas atualmente, sem que haja críticas a sua linguagem informal ou a falta da conta de sílabas e versos e tudo isso é a herança centenária que a literatura brasileira celebrou neste ano de 2022.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. Ode ao Burguês. In: Paulicéia Desvairada. São Paulo: Casa Mayença, 1980.

BOSI, Alfredo. O Modernismo: a "Semana". In: História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 2017.

SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloisa. Primeiro veio o nome, depois uma terra chamada Brasil. In: Brasil: uma biografia. São Paulo: Cia das Letras, 2015

PRESENÇA PRETA NA SEMANA DE ARTE MODERNA: NAS OBRAS; ARTISTAS NÃO!

POR DULCINÉIA ESTEVES SANTOS

A representatividade do corpo negro na semana de arte moderna de 1922 ocorreu, em especial, nas obras do artista Di Cavalcanti. Esse foi um artista do modernismo brasileiro que retratou a cultura e o cotidiano do povo, em sua concepção, pois apesar de mesclar referências inovadoras das vanguardas da arte da Europa, é um artista visto como um dos grandes nomes da pintura nacional. Nesse sentido, realizou também trabalhos de ilustração, caricatura e cenografia, e foi visto como um marco para a arte e cultura brasileira. Com isso, a semana apresentou uma produção artística inovadora, ousada, em território nacional que foi idealizada e organizada pelo artista Di Cavalcanti, assim informa o site Cultura Genial.

Com a liberdade de estar entre os principais organizadores do evento, apresentou doze obras, entre elas, em especial, uma forte referência que é a obra *Mulata*, pois a mulher negra, na percepção do artista, essa é atraente e representa o povo negro de maneira festiva. Em outras obras a mulher é colocada mais uma vez, de forma voluptuosa e atraente.

A provocação trazida pelo presente texto é questionar a naturalidade do Di Cavalcanti ao pintar os vários quadros como: *mulata* (Figura 1); *rosto de mulata*; *mulata com gato*; *mulata e paisagem*, *mulata no espelho*, *mulata sentada*.

Segundo o artista, pintar elementos da realidade brasileira, como favelas, festas populares e operários era prazeroso, dizia o artista. “A mulata, para mim, é um símbolo do Brasil. Ela não é preta nem branca. Nem rica nem pobre. Gosta de música, gosta do futebol, como nosso povo.” (Di Cavalcanti) publicou o blog *Vírus da Arte & Cia*, em 2016. Na fala do próprio artista há presença do racismo e sexismo, concretizando a interseccionalidade da realidade das mulheres pretas brasileiras.

Diante do exposto, cabe ressaltar ainda que, ao explorar um ditado popular brasileiro que diz “Branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar”, uma das mais importantes filósofas, antropóloga, professora, explica a militante Lélia Gonzalez (2020, p. 149):

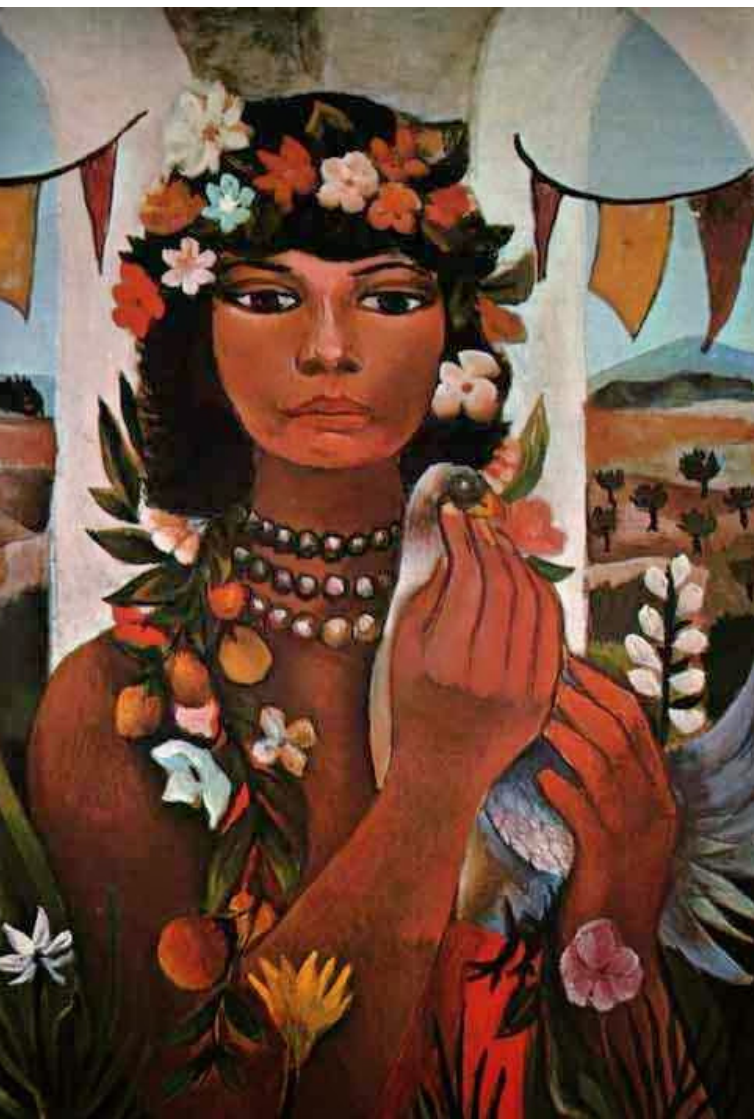
Atribuir às mulheres amefricanas (pardas e mulatas) tais papéis é abolir sua humanidade, e seus corpos são vistos como corpos animalizados: de certa forma, “são os burros de carga” do sexo (dos quais as mulatas brasileiras são um modelo) [...]. A superexploração socioeconômica se alia à super exploração sexual das mulheres amefricanas.

Em comemoração aos cem anos da Semana de Arte Moderna, o artista plástico pelotense, negro, Zé Darcy, declarando se inspirar nas obras do Di Cavalcanti, revela ter feito obras para prestigiar este importante momento da arte brasileira.

Apesar de admirador de um dos organizadores da emblemática semana, as obras de Zé Darci representam de fato, a realidade do povo negro do Brasil, como mostra a obra em homenagem à grande cantora Elza Soares (Figura 2) que trabalhou até o final da sua vida, nos deixando saudades, em janeiro deste ano.

Ainda que a Semana de arte moderna já tenha completado um centenário, o racismo estrutural ainda permeia todas as entranhas da sociedade brasileira, muito embora saibamos que alguns avanços tenham sido alcançados, é preciso muito mais. Mulata jamais, PRETA ou NEGRA!

FIGURA 1: Mulata



MULATA, obra de Di Cavalcanti, Semana de arte moderna de 1922. Fonte: [Di Cavalcante e suas principais pinturas ~ Pintando a realidade brasileira ~ Pinturas do AUwe](#)

FIGURA 2: Bar da Elza



Fonte: Arquivo pessoal; obra do artista pelotense Zé Darci, em homenagem à cantora Elza Soares e ao centenário da Semana de Arte Moderna de 1922.

REFERÊNCIAS

[Di Cavalcanti: 9 obras para compreender o artista - Cultura Genial](#) acesso em: 22 jul.2022.

[Di Cavalcante e suas principais pinturas ~ Pintando a realidade brasileira ~ Pinturas do AUwe](#) acesso em: 22 jul. 2022.

[Di Cavalcanti – A MULATA EM SUA OBRA - VÍRUS DA ARTE & CIA. \(virusdaarte.net\)](#) acesso em: 23 jul. 2022.

GONZALEZ, L. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos / organização Flávia Rios, Márcia Lima. p.146. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

"A NEGRA" OBRA DE TARSILA AMARAL

POR BIANCA L. DUARTE E ELIANA ROCHA

No ano de 2022 comemorou-se o centenário da semana da arte moderna, o evento em questão teve sua primeira edição no Teatro Municipal de São Paulo, nos dias 13, 14 e 15 de fevereiro de 1922.

O evento foi idealizado por um grupo de intelectuais e artistas da época, na ocasião do centenário da independência. Assim a semana de 22 ficou conhecida como o marco inicial do modernismo Brasileiro.

Os artistas que compunham o grupo trouxeram uma renovação cultural, que no princípio foi alvo de muitas críticas. "O escritor Monteiro Lobato, por exemplo, chegou a chamar as pinturas de Anita Malfatti em uma exposição de "desenhos que ornaram as paredes internas dos manicômios" (AMORIM,2010).

O grupo dos 5 como ficou conhecido os principais artistas que levaram a ideia modernista foram: Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Menotti Del Picchia, Mário de Andrade e Oswald de Andrade; mas além deles, outros tantos homens participaram do movimento. Note-se que as mulheres ainda eram uma absoluta minoria.

Tarsila do Amaral, nascida em Capivari, interior de São Paulo, foi uma das principais artistas desse seleto grupo de idealizadores. Nascida em família rica, estudou fora em países como Espanha e Paris onde estudou um pouco de cubismo (Cubismo é um movimento artístico vanguardista europeu, que se caracteriza pela utilização de formas geométricas para retratar a natureza), na ocasião apresentou sua tela nomeada "Negra" ao cubista e mestre Fernand Léger, com o qual ela estudou.

Em sua volta ao Brasil, Tarsila passa a buscar um estilo próprio de pintura tipicamente brasileira.

A tela "Negra" é a evocação da infância de Tarsila, com a representação de babás e amas de leite que rodeavam a fazenda em que passou a infância. Para além, em seu álbum de viagem de 1926, existe uma foto de uma antiga empregada da família com gesto muito parecido com a obra retratada por Tarsila.



A Negra é também a expressão de recordações das narrativas da sua infância, de como mulheres escravizadas costumavam atar pedras para distender os seios a fim de amamentar seus filhos amarrados às suas costas, sem que houvesse interrupção do trabalho. Tais histórias foram narradas por mucamas da fazenda onde passou sua infância. O relato sobre os filhos estarem atados às costas dessas escravizadas, reflete muito a rotina árdua dessas mulheres negras: as longas horas de trabalho agrícola, como nas plantações de café, sujeitas a trabalho violento e a jornadas sacrificantes impostas a elas, na qual o direito a amamentar ficava suspenso. A semelhança da imagem com o real e o imaginário da artista se faz expresso em resíduos de sensações, referenciado aos costumes da época, ligado à questão da negra como obra de Tarsila.

A obra em questão foi muito importante para sua carreira, e nos mostra um traço importante do feminismo negro, suas mazelas e vivências. Reflete também como as mulheres negras eram vistas de forma erotizada, o que fazia com que fossem além de tudo submissas a seus senhores; e para a sociedade da época eram percebidas como libertinas e sexualmente insaciáveis, levando assim toda a má fama por conta das investidas e abusos de seus senhores. O fato é que Tarsila do Amaral era filha de fazendeiros e foi criada em meio ao patriarcado.

Vale ressaltar que a figura que vemos representada na obra está longe dos padrões de beleza branco europeu. Os corpos negros eram vistos como invisibilizados perante a sociedade,

Esta obra a tornou famosa e colocou seu nome na história da Arte Moderna Brasileira. Atualmente a tela se encontra no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS

TARSILA DO AMARAL:VIDA E OBRA. Disponível em: https://www.suapesquisa.com/biografias/tarsila_amaral.htm. Acesso em: 16 jul. 2022.

SILVIA, Meira. *A Negra de Tarsila do amaral: escuta da condição da afrodescendente na formação do povo brasileiro*. São Paulo: 2018.

FERREIRA, T. R. *A Negra*. Diálogos entre a obra de Tarsila do Amaral e o feminismo negro. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Especialista em Mídia, Informação e Cultura) - Escola de Comunicação e Artes Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação, universidade de são Paulo.

Semana de Arte de 22: quem foram as mulheres modernistas que participaram do evento. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/cultura/2022/2/13/semana-de-arte-de-22-quem-foram-as-mulheres-modernistas-que-participaram-do-evento-110066.html>. Acesso em: 16 de jul. 2022.

Revista Educação Pública- Monteiro Lobato e o Modernismo: um equívoco. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/10/4/monteiro-lobato-e-o-modernismo-um-equivocotevoco>. Acesso em: 17 jul. 2022.

SEMANA DE ARTE MODERNA

POR LORENA ALMEIDA GILL

A Semana de Arte Moderna aconteceu em fevereiro de 1922, em São Paulo, cem anos após a independência do Brasil, de Portugal, sendo promovida por jovens, em sua maioria, paulistas. Naquele contexto várias questões sociais eram importantes, mas pouco representadas em trabalhos artísticos, os quais costumavam se basear em padrões europeus. Dessa forma o movimento se constituiu como uma busca por uma espécie de construção de uma identidade nacional, que pudesse abordar questões relevantes para o povo brasileiro. Note-se, por exemplo, que a abolição da escravidão havia acontecido próximo ao período, ou seja, em 1888 e se estava a apenas 4 anos do final da Primeira Guerra Mundial.

Vários artistas estiveram vinculados à programação que envolvia artes visuais, literatura e música. Alguns dos mais lembrados são Anita Malfatti, pintora, desenhista e professora; Di Cavalcanti (Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo), desenhista, pintor e escultor; Mario de Andrade, escritor, crítico de arte e pesquisador; Oswald de Andrade, escritor e agitador cultural, que, anos mais tarde se casou com Tarsila do Amaral, a qual não esteve presente na Semana, mas foi fundamental para a implementação do modernismo no Brasil;

Victor Brecheret, escultor que preconizava a simplicidade e expressividade em suas obras; Manuel Bandeira, escritor, poeta, cronista, professor e tradutor; Villa Lobos, multi-instrumentista, que procurava aliar a música popular à clássica; Guiomar Novaes, pianista; Menotti Del Picchia, escritor, político, pintor; Vicente do Rego Monteiro, pintor e Zina Aita, cuja obra é marcada por pinturas, cerâmicas e desenhos.

Segundo Alambert (2012, p. 109):

A Semana de Arte Moderna é entendida, quase consensualmente, como uma performance em forma de ato de guerrilha aristocrática de jovens burgueses antiburgueses, dando-se a isso ora sentido positivo, ora negativo. Praticamente ninguém, sobretudo os próprios participantes, nega o fato de que a Semana nasceu para ser mito, para ser criada e recriada, para ter caráter marcante e transformador. E que para isso a batalha deveria continuar muito depois daqueles dias de fevereiro de 1922.



SEMANA DE ARTE
MODERNA - S. PAULO

1922

Embora a programação da Semana tenha sido importante, a repercussão sobre o movimento aconteceu alguns anos depois, principalmente a partir de estudos feitos dentro da academia, os quais enfatizaram a perspectiva de ruptura trazida pela programação. No entanto, para Machado (2022): “Talvez o mais importante quando se pensa no assunto é considerar que esse evento não deu e não dá conta de quem somos enquanto Brasil e da complexidade e diversidade dos olhares sobre o país. A investida daqueles artistas foi interessante do ponto de vista formal, mas insuficiente no que se propôs, principalmente quanto à construção de uma identidade nacional nas artes”.



Mesmo que a semana tenha se vinculado a uma elite paulista, ciente de seus privilégios e que não tenha tido a representativa necessária, trouxe a possibilidade de pensar o Brasil a partir de uma diversidade cultural que, sobretudo, em tempos autoritários, precisa ser constantemente reivindicada.

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Francisco. A reinvenção da Semana (1932-1942). *REVISTA USP*, São Paulo, n.º 94, p. 107-118. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/45182>. Acesso em 17 de julho de 2022.

MACHADO, Abraão. 100 anos da Semana de Arte Moderna: celebração ou reflexão? *Espaço do conhecimento UFMG*. <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/100-anos-da-semana-de-arte-moderna-celebracao-ou-reflexao/> Acesso em 17 de julho de 2022.

SEMANA DA ARTE MODERNA

DEFICIÊNCIA E ARTE: INCLUSÃO E CONSCIENTIZAÇÃO

POR FERNANDA SANTANA DOS SANTOS

Rompimento de padrões, novas formas de expressões artísticas e diferentes meio de comunicação entre pessoas e povos são características de um movimento artístico - cultural, como no caso do modernismo trazido pela semana da Arte Moderna. Dessa forma este pequeno texto pretende apresentar a trajetória de uma artista portadora de deficiência congênita, a pintora e professora, Anita Catarina Malfatti, a qual foi pioneira no modernismo.

A artista Anita Catarina Malfatti, mulher e deficiente, no decorrer de sua jornada teve vários desafios. Nascida com uma atrofia no braço e na mão direita, enfrentou obstáculos em sua carreira, dentre eles várias cirurgias sem sucesso, porém, a artista superou as adversidades com muita dedicação, desenvolvendo e reaprendendo a fazer pinturas com sua mão esquerda. Desenvolvendo sua habilidade, em 1917, cinco anos antes da Semana da arte moderna, a pintora expôs suas obras individualmente, exibindo trabalhos produzidos entre 1915 e 1916, que são considerados precursores do modernismo no Brasil, já que as pinturas apresentavam influências do cubismo, formas decompostas e geometrizadas, e do expressionismo de forma subjetiva, como a arte "A Boba" e "A Estudante", dentre outras. Suas telas causaram admiração e, também, rejeição dos intelectuais da época, chocando a sociedade e sendo machistamente provocada por fortes nomes como Monteiro Lobato.

Mesmo após várias críticas, Anita exibiu novamente suas telas em 1922, com pinturas que buscavam retratar paisagens e personagens da cultura brasileira, como o quadro "Retrato de um Professor" e "O Farol", destacando-se e consolidando suas artes na Semana da arte moderna, junto a vários outros artistas, como Tarsila do Amaral, Mario de Andrade e Oswald de Andrade.

Anita nasceu em uma época em que os incentivos às pessoas com deficiência eram ainda menores. Fica claro que faltavam políticas de acessibilidade e inclusão, uma vez que as pessoas com deficiência eram consideradas como incapazes. Atualmente observa-se que a deficiência, seja ela motora ou física, e a inclusão das pessoas com deficiência, não só na arte, mas em vários setores, em pleno século XXI, ainda é pouco enfatizada, embora existam, por exemplo, algumas leis de cotas.

A partir da perspectiva de que todas os indivíduos têm capacidades, é possível se pensar em um novo mundo em que as pessoas ganhem espaços, para que elas vivam em uma sociedade de forma justa, livre de preconceitos e sem concepção de inferioridade, visto que, com incentivos é possível se ocupar as lacunas que tanto almejam, beneficiando o seu desenvolvimento com a construção de novos saberes, ao se ampliar as possibilidades de socialização.



REFERÊNCIAS

CORRENT, Nikolas. DA ANTIGUIDADE A CONTEMPORANEIDADE: A DEFICIÊNCIA E SUAS CONCEPÇÕES. Revista Científica Semana Acadêmica. Fortaleza, Nº 089, 22/09/2016. Disponível em: https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/nikolas_corrent_educacao_especial.pdf Acesso em: 22 de jul. de 2022.

Curiosidades sobre Anita Malfatti e a Semana de Arte Moderna. www.arteref.com/obra/, 2019. Disponível em: <<https://arteref.com/arte-do-dia/10-curiosidades-sobre-anita-malfatti-que-vao-ajuda-lo-a-entender-semana-de-arte-moderna/#:~:text=Curiosidades%20sobre%20Anita%20Malfatti%20e%20a%20Semana%20de,morte%20de%20sua%20m%C3%A3e%20e%20M%C3%A1rio%20de%20Andrade>>. Acesso em 31 de jul. de 2022.

SOUZA, Warley. Anita Malfatti. www.mundoeducacao.uol.com.br, 2020. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/anita-malfatti.htm>. Acesso em 31 de jul. de 2022.

PRESENÇA -OU NÃO- DAS MULHERES NO CAMPO DAS ARTES

POR LIÉSIA B. RUTZ

Para falar sobre a presença das mulheres no mundo das artes, é preciso primeiramente apresentar alguns dados históricos que apontam como as mulheres se inserem neste campo em específico. Se considerarmos a história da arte, sobretudo em meados dos anos 70, de acordo com a Professora Daniela Kern, do Instituto de Artes da UFRGS, neste período muitas mulheres se deram conta de que precisavam lutar para fazer a sua voz ser ouvida e para conseguirem ter uma maior participação em exposições e acervos de grandes instituições, além de verem a necessidade de recontarem a história de outras mulheres artistas do passado, que por vezes acabavam caindo no esquecimento.

Com isso, dentro deste movimento feminista, que influencia a história da arte, têm-se a intelectual e historiadora de arte americana Linda Nochlin (1931-2017), que se debruçou sobre estas questões, especialmente no que concerne à presença (ou não) das mulheres nas artes. Em seu artigo intitulado *Por que não houve mulheres artistas?*, traduzido para o português, a autora mostra que em territórios marcadamente masculinos, como as artes, era e é bastante difícil para as mulheres terem os seus trabalhos reconhecidos, sobretudo pelo imaginário social. A representação que se tinha sobre as mulheres, destinava-as apenas ao espaço privado, com o cuidado da casa e dos filhos.

Conforme apontado por Raisa Pina (2019), em uma matéria publicada no *Jornal Le Monde Diplomatique Brasil*, “A verdade é que sempre existiram muitas mulheres grandiosas e excelentes nas artes, assim como em praticamente todas as outras áreas, mas na tradição da sociedade patriarcal, [...] elas sofriam pressões para se dedicarem exclusivamente às tarefas que lhes eram esperadas: o cuidado com a casa e a criação dos filhos”. Deste modo, ainda que houvesse mulheres neste campo, é preciso considerar que elas sofriam diversos obstáculos, principalmente pela pressão em se dedicarem ao casamento e ao cuidado da família.

Constata-se que era bastante comum as mulheres artistas deixarem a carreira logo após o casamento, para se dedicarem exclusivamente ao cuidado do marido, da casa e dos filhos. Logo, muitas delas não puderam avançar no âmbito profissional, o que as levava, muitas vezes, a abandonarem suas habilidades artísticas, ou ainda, para aquelas que continuavam, faziam apenas como um meio de entretenimento/distração, sem desenvolverem uma carreira pública propriamente dita.

1 Fala proferida no Módulo 10 (Feminismo e História da Arte), no âmbito do Curso Feminismos: algumas verdades inconvenientes oferecido pela UFRGS. Site: <https://lumina.ufrgs.br/>. Acesso em: 13 de jul. 2022.

Para além dos aspectos vinculados ao cuidado da família, no que se refere ao cenário atual, especialmente ao território brasileiro, é preciso considerar que ainda há diversas lacunas que necessitam ser superadas, com vistas a inserção de um maior número de mulheres no campo das artes. Daniela Kern (2022) afirma que há poucos textos traduzidos sobre mulheres artistas, com exceção do artigo de Linda Nochlin, já citado acima.

Além disso, aponta que há uma defasagem no que diz respeito a dados (números), mostrando a importância de se fazer um levantamento, por exemplo, de quantas mulheres fazem parte dos acervos/museus brasileiros, a fim de se constatar se homens e mulheres estão participando na mesma proporção. Outra lacuna apresentada diz respeito à falta de disciplinas sobre mulheres na arte, especialmente de Sociologia da Arte nos espaços acadêmicos, o que poderia vir a favorecer a institucionalização deste debate tão necessário dentro das universidades.

Com isso, traçar esta reconstrução histórica das mulheres no campo das artes, permite dar maior visibilidade à temática, e consequentemente favorece tirá-las do esquecimento impulsionando a entrada de mais mulheres neste espaço tão importante, que por muitas vezes, assim, como em outros espaços, lhes foi negada a sua participação.

Após traçar um breve contexto histórico sobre a presença (ou não) das mulheres no campo das Artes e algumas lacunas ainda presentes na atualidade, no que se refere a Semana de Arte Moderna, foco temático da 29ª Edição do Jornal Conectando Saberes, importa salientar que a participação feminina neste espaço foi bastante limitada, haja visto os enormes desafios e preconceitos que as mulheres enfrentavam.

Conforme uma matéria publicada no site Faesa Digital (2022), o número de mulheres que participaram da Semana de Arte Moderna foi muito pequeno, se comparado ao número de artistas homens também participantes.

Por outro lado, nota-se que embora tenha havido um baixo número de mulheres que tiveram participação na Semana de Arte Moderna, observa-se que a presença delas foi fundamental para a entrada de outras mulheres no campo das artes, especialmente no Brasil. Com isso, é preciso continuar lutando para que muitas outras mulheres possam ocupar este espaço, que durante muito tempo esteve concentrado à hegemonia dominante, mais especificamente aos homens, brancos e ricos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marcia; BRITO, Carolina; SANTOS Marlise Bock; RAMOS, Caio. Curso: Feminismos: algumas verdades inconvenientes. Porto Alegre: UFRGS. Disponível em: <<https://lumina.ufrgs.br/>>. Acesso em: 11 de jul. 2022.

NOCHLIN, Linda. Trad. Juliana Vacaro. Por que não houve grandes mulheres artistas ? Edições Aurora / Publication Studio SP, 2016. Disponível em: <<http://www.edicoesaurora.com/ensaios/Ensaio6.pdf>>. Acesso em: 12 de jul. 2022.

OBOLARI, Daiane. Participação feminina na Semana de Arte Moderna. Faesa Digital, 2022. Disponível em: <https://faesadigital.com/2022/04/06/participacao-feminina-na-semana-de-arte-moderna/#:~:text=Anita%20Malfatti%2C%20Guiomar%20Novaes%20e,Semana%20de%20Arte%20de%202022>. Acesso em: 18 de jul. 2022.

PINA, Raísa. Por que não existiram grandes mulheres artistas na história ? Le Monde Diplomatique Brasil, Brasil, 10 de julho de 2019. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/por-que-nao-existiram-grandes-mulheres-artistas-na-historia/>>. Acesso em: 12 de jul. 2022.



A SEMANA DE 22 E SUAS CURIOSIDADES

POR LUANA DURANTE OLIVEIRA

Há 100 anos, no Theatro Municipal de São Paulo, acontecia a Semana de Arte Moderna. O propósito do evento de 1922 era o de renovar e recriar uma arte genuinamente brasileira sem deixar de lado as novas tendências que surgiam na Europa.

A Semana de Arte Moderna revolucionou não só a arte, mas também diversos outros segmentos culturais como a literatura, escultura, pintura e música. Apesar de sua relevância indiscutível, em 1922, o evento foi alvo de críticas e polêmicas por promover mudanças radicais para a época.

Embora estivesse programado para ocorrer entre os dias 11 e 18 de fevereiro, as exposições aconteceram apenas em três dias alternados. No dia 13, o tema central era a pintura e a escultura; no dia 15, a literatura; e no dia 17, a música. Alguns dos nomes mais relevantes do Modernismo, não puderam comparecer ao evento, como Tarsila do Amaral e Manuel Bandeira. A pintora mais conhecida do movimento estava estudando em Paris e o poeta havia contraído tuberculose. Em vista da condição de saúde de Bandeira, Ronald de Carvalho fez a leitura do poema “Os Sapos”. O público presente no Theatro Municipal fez coro e atrapalhou a leitura, mostrando uma desaprovação.

No dia 17 de fevereiro, Villa-Lobos fez uma apresentação musical, na qual entrou no palco calçando num pé um sapato e em outro um chinelo. O público vaiou, pois considerou a atitude desrespeitosa. Mais tarde, foi esclarecido que Villa-Lobos entrou desta forma, pois estava com um calo no pé, o impossibilitando de usar sapatos.

Outra curiosidade é a ideia de fazer a Semana de Arte Moderna no Theatro Municipal de São Paulo, no mesmo ano em que a Declaração de Independência completaria 100 anos. A data escolhida foi simbólica e representaria uma “segunda” independência do Brasil no sentido artístico. Nesse contexto pertencente à República Velha, a oligarquia paulista tinha interesse em tornar São Paulo uma referência em criação cultural, posto que era ocupado pelo Rio de Janeiro. Com isso, o início da efervescência paulista passou a se contrapor ao conservadorismo presente no Rio de Janeiro, que era bem mais tradicional no ramo das artes, fazendo com que a Semana de Arte Moderna fosse amplamente financiada pela elite cafeeira, que tomou a frente do evento que teria projeção nacional.

Theatro Municipal

SEMANA DE ARTE MODERNA

PROGRAMMA DO PRIMEIRO FESTIVAL
SEGUNDA-FEIRA, 18 DO CORRENTE

1ª PARTE
Conferência de Góes Azevedo:
A evolução estética na arte moderna, ilustrada com
música executada por Ernani Braga e poesia por Guiberrina
e Almeida e Ronald de Carvalho.
Música de câmara

VILLA-LOBOS
Sonata II de violoncello e piano — 1914.
A (Alegro Moderato) — B (Andante) — C (Scherzo —
B (Alegro vivace sostenuto e final.
Alfreda Gomes e Lucilla Villa-Lobos.
Trio Segunda (1916) violão, cello e piano.
(Alegro Moderato) — B (Andantino calmo (Berceuse-
Barcarola) — C (Scherzo-Spiritoso) — (Molto
Allegro e final.
Paulina d'Ambrosio, Alfredo Gomes e Fructuoso
de Lima Vianna.

2ª PARTE
Conferência de Ronald de Carvalho:
A pintura e a escultura moderna do Brasil.
B — Bolos de piano — Ernani Braga.
(1917) A (Valsa Mystica — (Da simples collectanea
(1918) B (Camponesa Cantadeira — "Da suite floral".
(1921) C (A Fiandeira.
4 Oiteto — (Tres danças africanas)
A (Farrapos — (Dança dos moços) 1914.
B (Kankukus — (Dança dos velhos) 1915.
C (Kankikus — (Dança dos meninos) 1916.
Violinos, Paulina d'Ambrosio, George Marinuzzi, Alto, Or-
lando Frederico.
Violoncellos, Alfredo Gomes, Basso, Alfredo Carazza, Flau-
tas: Pedro Vieira, Clarinetas: Antão Soares. Piano: Fructuoso
de Lima Vianna.

Preços para as 8 recitas:
CAMAROTES e FRISAS, 186\$000 CADEIRAS e BALCÕES 20\$000

Por fim, percebe-se que toda aquela modernidade não agradou ao público. As pinturas e esculturas de formas estranhas, fizeram os visitantes se perguntarem se os quadros estavam pendurados da maneira certa e se técnicas realmente haviam sido utilizadas.

Porém, de todas as críticas, a mais polêmica foi a de Monteiro Lobato, que dedicou um artigo no jornal "O Estado de S.Paulo", intitulado 'A propósito da exposição Malfatti', mais tarde conhecido como 'Paranoia ou Mistificação?'. O escritor brasileiro, por ser famoso por muitas obras, entre elas o Sítio do Picapau Amarelo, visitou a exposição de Anita e não compreendeu o estilo artístico dela, comparando seus quadros aos desenhos, no artigo o mesmo disse "que ornam as paredes internas dos manicômios" e ainda a uma "arte anormal". O texto ganhou proporções gigantescas, fazendo com que cinco dos oito compradores devolvessem obras para Anita e que a própria artista entrasse em um período sombrio na sua vida, deixando de pintar por um ano. Entretanto, a crítica de Lobato aproximou Malfatti de outros pintores, aqueles que a defenderam publicamente e que admiravam sua autenticidade, como Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Pedro Alexandrino Borges.

Os poemas modernistas eram declamados entre vaias e gritos da plateia. A reação dos visitantes ecoou entre os especialistas, que trataram o movimento como desimportante, reforçada pelas críticas vorazes de Monteiro Lobato. Contudo, nos anos seguintes, o evento passou a ser considerado o marco que inaugurou o Modernismo no país e provocou os efeitos sentidos em todos os aspectos da cultura brasileira até hoje.

REFERÊNCIAS

6 curiosidades sobre a arte Moderna de 1922. Versatille. Disponível em: <<https://versatille.com/6-curiosidades-sobre-a-semana-de-arte-moderna-de-1922/>>. Acesso em: 13 de julho de 2022.

8 Curiosidades sobre a arte Moderna que você não sabia. Disponível em: <<https://arteref.com/movimentos/8-curiosidades-sobre-a-semana-de-arte-moderna-que-voce-nao-sabia/>>. Acesso em: 13 de julho de 2022.

SOUSA, Alana. "Arte Anormal": A Dura Crítica de Monteiro Lobato à Arte de Anita Malfatti. Aventuras na História. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/arte-anormal-a-dura-critica-de-monteiro-lobato-a-arte-de-anita-malfatti.html#:~:text=A%20cr%C3%ADtica%20de%20Lobato%20%C3%A0,a%20uma%20arte%20anormal%22>>. Acesso em: 13 de julho de 2022.

EDIÇÃO | SET
N N
N N
EDIÇÃO | SET

EDIÇÃO | SET
N N
N N
EDIÇÃO | SET

EDIÇÃO | SET
N N
N N
EDIÇÃO | SET

EDIÇÃO | SET
N N
N N
EDIÇÃO | SET

EDIÇÃO | SET
N N
N N
EDIÇÃO | SET

EDIÇÃO | SET
N N
N N
EDIÇÃO | SET

pet^{ufpe} diversidade & tolerância

mais informações sobre o pet DT



Coordenação: Professora Lorena Almeida Gill

Corpo discente: Anderson Roberto Cruz da Silveira (Dança Licenciatura), Assucena Saldanha Maia Silvano (Bacharelado em História), Bianca Leocadio Duarte (Nutrição), Dulcinéia Esteves Santos (Medicina Veterinária), Eliana Duarte da Rocha (Psicologia), Fernanda Santana dos Santos (Agronomia), Giovana Pozza (Terapia Ocupacional Bacharelado), Liésia Bubolz Rutz (Pedagogia), Luan Lucas Vallns da Silveira (Medicina), Luana Durante Oliveira (Letras Português Licenciatura), Rafaela de Souza Silva (Música) e Robson Rodrigues da Silva Junior (Odontologia).

Diagramação e edição: Luana Durante Oliveira